

PERCEPÇÕES RELACIONADAS AO ANTISSEMITISMO E AOS JUDEUS NO BRASIL

2026



RELATÓRIO DE PESQUISA

Pesquisa realizada
entre os dias 16 e 17
de julho de 2026



Instituto Brasil-Israel

Em um mundo marcado por simplificações e polarizações, o Instituto Brasil-Israel (IBI) existe para ajudar a compreender as diversas camadas que explicam a realidade social, cultural, histórica e geopolítica de Israel e dos judeus em todo o mundo. O IBI faz isto por meio de atividades educativas, culturais e sociais, promovendo o debate de ideias de maneira qualificada, sem maniqueísmos, estimulando o diálogo entre visões diferentes, de forma respeitosa e propositiva. O IBI abre espaço para o contraditório e estimula o relacionamento em ambientes plurais e diversos, onde a divergência de ideias dá lugar à construção de diálogos e transformações.

Visite: www.institutobrasilisrael.org



IDEIA

Criado em 2011, o IDEIA é um instituto de pesquisa especializado em opinião pública e estratégia. O IDEIA desenvolve projetos de pesquisa, análise de dados e estratégia digital no Brasil e no exterior. É uma empresa que preza pela experiência e pela inovação. Por isso, possui uma visão “agnóstica” de aplicação de metodologias de pesquisa qualitativa e quantitativa para levantar as opiniões e percepções da opinião pública.

Visite: www.ideiausa.com

PERCEPÇÕES RELACIONADAS AO ANTISSEMITISMO E AOS JUDEUS NO BRASIL

Relatório de Pesquisa

Instituto Brasil-Israel, 2026

Presidente Eduardo Wurzmann

Diretoria Karina Hotimsky Iguelka (vice-presidente), Claudio Bobrow,
David Diesendruck, Inês Mindlin Lafer, Marina Cusnir, Milton Seligman, Pedro Kelson

Equipe Amanda Desmonts, Amanda Hatzyrah, Anita Efraim, Carolline Mello,
Daniel Douek, João Koatz Miragaya, Karl Schurster, Melina Sternberg, Sidney Sapira,
Tamara Crespín

Expediente da publicação

Produção Carolline Mello, Karl Schurster

Revisão técnica Diego Leonardo Santana Silva, Tamara Crespín

Revisão textual Beatriz Rodrigues

Capa João Vaz

Design e diagramação Regina Beer, Ex-Libris Comunicação Integrada



DOI 10.5281/zenodo.22859989

ISBN 978-85-7856-344-8

Para acessar o Dossiê Analítico, [clique aqui](#) ou acesse via QR Code.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
NOTA METODOLÓGICA	7
PARTE I – O BRASIL CONHECE OS JUDEUS? DO DESCONHECIMENTO AO ESTEREÓTIPO	11
PARTE II – O ISRAEL IMAGINADO PELOS BRASILEIROS	15
PARTE III – O ANTISSEMITISMO CULTURAL – OS ESTEREÓTIPOS QUE SOBREVIVEM	22
PARTE IV – O PESO DO CONFLITO	34
PARTE V – EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E CONHECIMENTO HISTÓRICO	41
PARTE VI – O ANTISSEMITISMO DIGITAL – CIRCULAÇÃO, MEDIAÇÃO E RECONHECIMENTO	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

APRESENTAÇÃO

Em julho de 2026, o Instituto Brasil-Israel (IBI) realizou, em parceria com o Instituto IDEIA, uma nova rodada da pesquisa sobre percepções da população brasileira a respeito dos judeus, do antissemitismo, do Estado de Israel e do conflito no Oriente Médio. O levantamento dá continuidade ao esforço iniciado em 2024, ampliando o recorte para incluir blocos específicos sobre antissemitismo cultural, antissemitismo digital, educação e uma comparação direta com a série histórica da pesquisa anterior.

O objetivo não foi medir simpatia ou rejeição, mas identificar os repertórios por meio dos quais a população brasileira reconhece os judeus, interpreta o antissemitismo e estabelece relações entre judaísmo, Holocausto, Israel e os conflitos contemporâneos.

Do ponto de vista demográfico, a população judaica constitui uma parcela muito pequena da sociedade brasileira. Isso significa que, para grande parte dos brasileiros, a construção de uma imagem sobre os judeus não depende da convivência cotidiana com pessoas judias.

“ Para aproximadamente dois terços dos entrevistados, “o judeu” não corresponde, ao menos segundo a resposta declarada, a alguém que faça parte de sua experiência pessoal. Isso não impede a formação de opiniões, muito pelo contrário. Pessoas e grupos socialmente distantes podem ocupar posições extremamente presentes no imaginário coletivo.

Quando convidados a associar livremente uma palavra ao termo “judeu”, os brasileiros recorrem predominantemente a um repertório religioso: Bíblia, Jesus e crenças aparecem à frente de qualquer outra referência. Quando o foco se desloca para o Estado de Israel, o repertório muda de forma significativa. A associação espontânea dominante passa a ser a associação com a guerra e a violência. Judeus e Estado de Israel aparecem, assim, como objetos distintos no imaginário social: o primeiro fortemente associado à religião, o segundo ao conflito contemporâneo.

O debate público brasileiro sobre judeus, Israel e antissemitismo tornou-se intenso nos últimos anos, sobretudo depois dos ataques de 7 de outubro de 2023 e da guerra que se seguiu. Intensidade discursiva não significa necessariamente disseminação equivalente de conhecimento. Temas podem ocupar grande espaço na imprensa, nas redes sociais e na disputa política sem produzir conceitos claros entre aqueles que os recebem. O ambiente informacional não produz necessariamente conhecimento organizado, mas fragmentos sobre ele. Uma notícia sobre Gaza, uma referência bíblica, uma série sobre o Holocausto, uma fala religiosa, um vídeo sobre Israel, uma imagem de guerra, uma teoria conspiratória ou uma memória escolar podem participar simultaneamente da construção de uma representação.

Essa pesquisa não buscou determinar aquilo que os brasileiros “realmente pensam” como se existisse uma opinião nacional homogênea e plenamente formada. O que os dados permitem examinar são tendências de percepção, repertórios disponíveis, diferenças entre segmentos da população, níveis declarados de conhecimento, associações espontâneas e graus distintos de adesão a determinadas afirmações.

Este documento reúne o núcleo desses resultados, acompanhado da nota metodológica, de cruzamentos por perfil sociodemográfico e de uma conclusão consolidada. Trata-se de uma síntese, concebida para apresentar o grosso dos dados com as explicações necessárias à sua leitura, sem reproduzir o aprofundamento interpretativo reservado ao [Dossiê Analítico](#) que acompanha este relatório, e cuja leitura recomendamos.

NOTA METODOLÓGICA

A pesquisa *Percepções relacionadas ao antissemitismo e aos judeus no Brasil* foi concebida como um levantamento quantitativo de opinião pública para identificar percepções, associações, conhecimentos declarados e posicionamentos da população adulta brasileira sobre os judeus, o antissemitismo, o Estado de Israel, o Holocausto e temas correlatos.

O trabalho de campo ocorreu entre 16 e 17 de julho de 2026, por meio de aplicativo mobile, com 2.006 pessoas maiores de 18 anos, de todas as regiões do país. O desenho amostral seguiu cotas definidas a partir da população brasileira, tendo como referência a PNAD Contínua 2025 e o Censo de 2022. O relatório técnico registra nível de confiança de 95% e margem de erro máxima de 2,2 pontos percentuais para o total da amostra. Todos os questionários passaram por checagem de consistência.

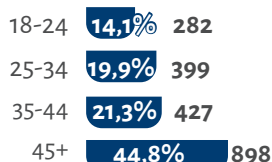
O questionário combina perguntas espontâneas e estimuladas. Nas espontâneas, o entrevistado responde sem receber um conjunto fechado de alternativas, é o caso das perguntas sobre a primeira palavra que vem à mente ao pensar em Israel ou ao ouvir o termo “judeu”. Esse procedimento capta repertórios mais imediatos, menos condicionados pelas alternativas do questionário. A categorização posterior constitui, ainda assim, uma etapa analítica. As perguntas estimuladas, por sua vez, apresentam alternativas únicas ou múltiplas ou escalas de concordância previamente formuladas, o que torna as respostas mais comparáveis e, ao mesmo tempo, mais sensíveis à redação da pergunta. Formulações distintas ativam enquadramentos diferentes, sobretudo em temas politicamente disputados ou pouco conhecidos pela população.

Detalhamento da amostra

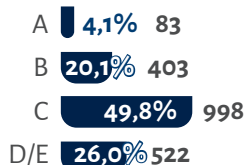
Gênero



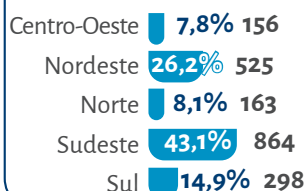
Idade



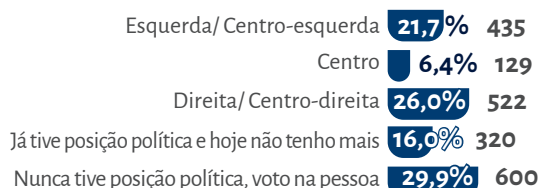
Classe



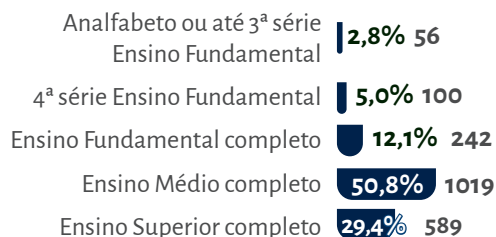
Região



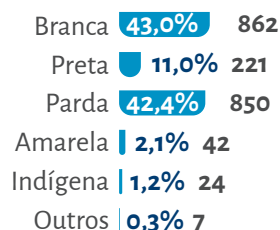
Posição política atual



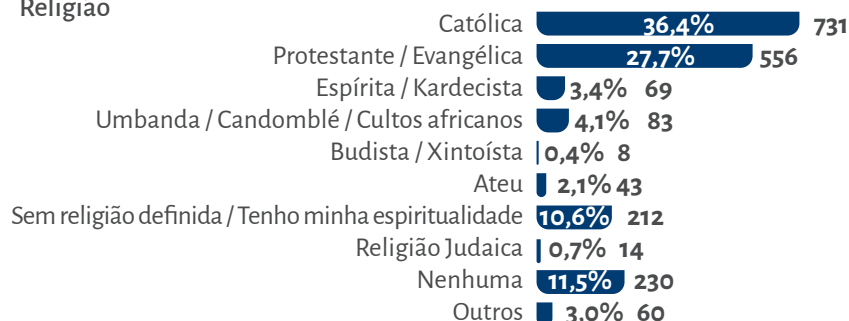
Escolaridade



Raça ou cor



Religião



Este relatório atribui peso particular às respostas intermediárias, às opções “não sei dizer” e aos casos em que o entrevistado declara não conhecer determinado conceito. Pesquisas de opinião costumam tratar essas categorias como simples ausência de posicionamento. Quando uma parcela expressiva dos entrevistados não sabe definir sionismo, não tem opinião sobre uma questão diplomática ou não se posiciona diante de uma formulação histórica, isso revela algo sobre os limites do conhecimento público disponível, e não apenas sobre preferências políticas.

Outro cuidado central envolve as inferências causais. O desenho da pesquisa é transversal: as informações foram coletadas em um período determinado e registram associações entre variáveis naquele momento. A pesquisa permite afirmar, por exemplo, que determinados grupos religiosos apresentam níveis diferentes de favorabilidade ao Estado de Israel ou que certas faixas etárias mencionam “guerra” com frequências distintas. Não permite demonstrar, por si só, que a religião causou determinada opinião ou que o consumo de redes sociais produziu uma associação específica.

A comparação entre 2024 e 2026 constitui uma segunda etapa metodológica. O relatório técnico registra bases de 2.073 entrevistados em 2024 e 2.006 em 2026 para um conjunto de questões que se mantiveram nesta nova investigação. Os dois levantamentos pertencem ao mesmo ciclo histórico, marcado pelas consequências dos ataques de 7 de outubro de 2023, pela guerra em Gaza, pela intensa circulação de imagens de violência e por fortes disputas políticas em torno de Israel, do antissemitismo e da questão palestina. Essa proximidade temporal torna a série especialmente relevante, mas não autoriza atribuir uma mudança encontrada a um único acontecimento. A pesquisa identifica variações, e explicar suas causas exige contextualização histórica e, em alguns casos, estudos complementares.

Parte dessa contextualização passa por reconhecer que os resultados registram o momento específico em que a pesquisa foi realizada. Opiniões sobre Israel, guerra, política internacional e antissemitismo podem mudar rapidamente diante de novos acontecimentos, enquanto representações religiosas ou culturais tendem a apresentar maior estabilidade. Essas duas temporalidades também compõem o próprio objeto investigado.

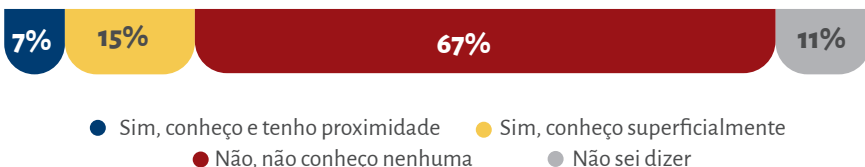
É justamente esse objeto que define a unidade central de análise deste relatório: não “o antissemita”, entendido como um tipo humano fixo, mas a circulação social de representações sobre os judeus, Israel e o antissemitismo no Brasil. Lida sob essa chave, a pesquisa funciona como um retrato das formas pelas quais judeus, judaísmo, Israel, antissemitismo e memória histórica se tornam inteligíveis para diferentes parcelas da população brasileira em 2026.

O BRASIL CONHECE OS JUDEUS?

DO DESCONHECIMENTO AO ESTEREÓTIPO

De que forma os judeus estão presentes na experiência cotidiana da população brasileira? Quando perguntados se conhecem pessoalmente alguma pessoa judia, 67% dos entrevistados respondem que não. Outros 15% afirmam conhecer alguém apenas superficialmente e 7% dizem conhecer e possuir proximidade. Onze por cento não sabem responder. Em números absolutos da amostra, são 1.341 entrevistados sem contato pessoal declarado, 303 que relatam contato superficial e 137 que afirmam conhecer uma pessoa judia com proximidade.

CONHECE PESSOALMENTE ALGUMA PESSOA JUDIA?



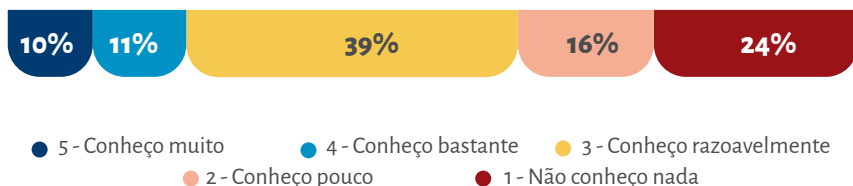
Fonte: Você conhece pessoalmente alguma pessoa que seja judia? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

O que interessa à pesquisa não é somente a distância entre a maioria da população e as comunidades judaicas. É compreender o que acontece quando uma minoria pouco presente na experiência cotidiana se torna, ao mesmo tempo, objeto de representações religiosas, históricas, políticas e culturais bastante difundidas. Aqui, a diferença entre presença social e presença simbólica torna-se fundamental.

Quando solicitados a avaliar o próprio conhecimento, 10% afirmam conhecer muito e 11% atribuem a si mesmos o nível imediatamente inferior. Na outra ponta da escala, 24% dizem não conhecer nada e 16% conhecer pouco. O maior contingente, 39%, ocupa a posição intermediária.

GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE OS JUDEUS



Fonte: Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa “Não conheço nada” e 5 significa “Conheço muito”, o quanto você diria que conhece sobre os judeus: (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

O resultado impede que “contato pessoal” e “conhecimento” sejam tratados como sinônimos. Uma pessoa pode acreditar que conhece bastante sobre os judeus sem conhecer pessoalmente alguém que se identifique como judeu. Da mesma maneira, conhecer uma pessoa judia não significa necessariamente possuir conhecimento sobre judaísmo, história judaica ou a diversidade das comunidades judaicas.

A análise individual das respostas confirma essa diferença. Entre aqueles que afirmam conhecer uma pessoa judia e possuir proximidade, o conhecimento autodeclarado é consideravelmente maior. Nesse grupo, cerca de 64% se colocam nos níveis 4 ou 5 da escala de conhecimento. Entre aqueles que dizem não

conhecer nenhuma pessoa judia, essa proporção cai para aproximadamente 15%. A média da autopercepção de conhecimento também acompanha o contato: é de aproximadamente 2,4 entre quem não conhece nenhuma pessoa judia, sobe para 3,1 entre aqueles que conhecem superficialmente e alcança 3,9 entre quem declara possuir proximidade. Existe, portanto, uma associação clara entre conhecer judeus e acreditar conhecer mais sobre os judeus. O problema começa quando se pergunta o que significa esse conhecimento.

O judeu conhecido antes do encontro

A pergunta espontânea sobre a palavra que vem à mente ao ouvir o termo “judeu” oferece um indício importante: a associação mais frequente não é com uma pessoa, uma comunidade brasileira, uma tradição cultural ou sequer com o judaísmo enquanto tal, mas com um repertório religioso e bíblico.

O conjunto mais mencionado é “Religião/Bíblia/Crenças”, com 18,3%. Em seguida aparecem “Cristo/Deus/Fé/Jesus”, com 9,1%. “Povo/Humano/Nação” reúne 4,4%, “Alemanha/Hitler/Holocausto” aparece em 4% e “Dor/Sofrimento”, em 3,8%. A categoria diretamente relacionada a “Judeus/Judaicos/Judaísmo” corresponde a apenas 2% das respostas. Outros 11,5% não sabem ou não lembram o que associar ao termo. Essa distribuição ajuda a compreender como é possível possuir uma representação dos judeus sem experiência direta com a vida judaica.

Esse é, talvez, o indicador central desta primeira parte.

“ Não é apenas que grande parte do Brasil conhece poucos judeus, é que os judeus podem ser socialmente conhecidos antes de serem pessoalmente encontrados. O indivíduo em si, real, chega depois de uma longa história de imagens, e essas imagens raramente desaparecem quando o encontro finalmente acontece.

PALAVRA QUE VEM À MENTE AO OUVIR O TERMO “JUDEU”



Fonte: Qual é a primeira palavra que vem à sua mente ao ouvir o termo “judeu”? Respon-
 ponda com apenas UMA palavra ou expressão. (ESPONTÂNEA – RESPOSTA ÚNICA)
 Base: Total da amostra (2.006)

2

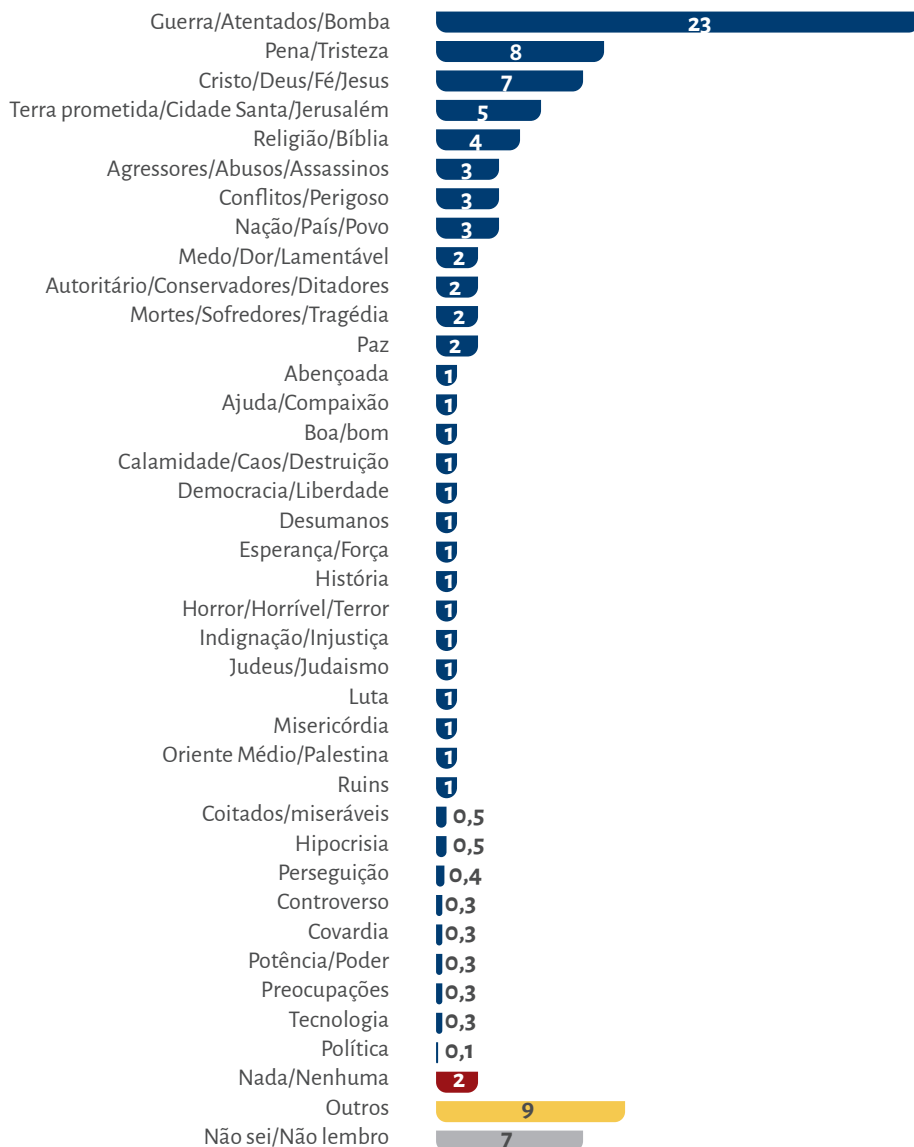
O ISRAEL IMAGINADO PELOS BRASILEIROS

A associação espontânea ao Estado de Israel é dominada por referências ao conflito. “Guerra/Atentados/Bomba” é mencionada por 23% dos entrevistados, muito à frente de qualquer outra categoria. Em seguida, aparecem “Pena/Tristeza”, com 8%; “Cristo/Deus/Fé/Jesus”, com 7%; “Terra Prometida/Cidade Santa/Jerusalém”, com 5%; “Religião/Bíblia”, com 4%; e “Agressores/Assassinos”, também com 4%. Apenas 1% menciona diretamente “Judeus/Judaísmo”.

Os cruzamentos demográficos acrescentam uma informação relevante. “Guerra/Atentados/Bomba” é a associação mais frequente em todos os níveis de escolaridade, mas aparece em 17,8% entre os entrevistados com ensino fundamental, 24,5% entre aqueles com ensino médio e 25,1% entre os que possuem ensino superior. No grupo de menor escolaridade, as referências a “Cristo/Deus/Fé/Jesus” alcançam 9,5%, contra 5,8% entre os entrevistados com ensino superior. A idade produz outro gradiente importante: a associação com guerra alcança 29,1% entre os jovens de 18 a 24 anos e diminui progressivamente até chegar a 20% entre aqueles com 45 anos ou mais.

Os dois resultados sugerem diferenças nos repertórios disponíveis. Entre os mais jovens e escolarizados, Israel aparece mais ligado ao conflito; entre os de menor escolaridade, pesam mais as referências religiosas. Essas diferenças podem estar relacionadas a formas distintas de acesso à informação, experiências geracionais,

PALAVRA QUE VEM À MENTE AO PENSAR EM ISRAEL



Fonte: Qual é a primeira palavra que vem à sua mente ao pensar em Israel (o Estado de Israel)?
 Responda com apenas UMA palavra ou expressão. (ESPONTÂNEA – RESPOSTA ÚNICA)
 Base: Total da amostra (2.006)

peso da socialização religiosa e exposição ao debate político internacional. Em síntese, a imagem espontânea de Israel varia segundo idade e escolaridade, embora a guerra permaneça como associação dominante em todos esses grupos.

Quando o termo apresentado era “judeu”, predominavam religião, Bíblia e crenças. Diante do Estado de Israel, a guerra assume o primeiro plano.

“ O judeu é inicialmente reconhecido por uma gramática religiosa; Israel é reconhecido, sobretudo, por uma gramática do conflito.

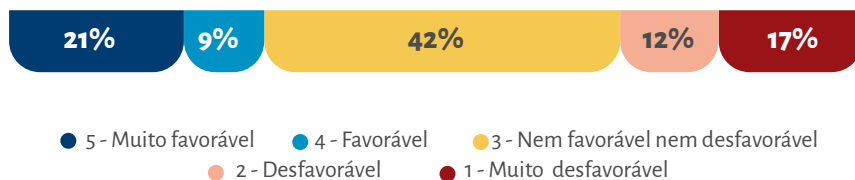
A força da associação espontânea entre Israel e guerra não pode ser ignorada, mas não autoriza afirmar que 23% dos brasileiros veem Israel como essencialmente violento. A categoria “Guerra/Atentados/Bomba” registra uma associação, não uma atribuição de responsabilidade, e pode refletir tanto os ataques sofridos por Israel quanto suas operações militares ou a presença recorrente do país no noticiário. Além disso, a associação de Israel com guerra emerge em um ambiente informacional no qual conflito e violência possuem grande presença, depois de quase três anos de intensa exposição pública aos acontecimentos iniciados com os ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023 e à guerra subsequente.

Entre apoio, rejeição e ausência de posição

Quando a pesquisa solicita uma avaliação do Estado de Israel, a distribuição muda. Vinte e um por cento se dizem muito favoráveis e 9% favoráveis. Na direção oposta, 12% são desfavoráveis e 17% muito desfavoráveis. A posição intermediária reúne 42% dos entrevistados. A soma produz quase equilíbrio entre os pólos: 30% encontram-se no campo favorável e 29% no desfavorável.

A religião organiza também as percepções sobre Israel. Entre evangélicos ou protestantes, 33,5% atribuem ao Estado de Israel a nota máxima de favorabilidade. Entre católicos, o percentual é de 16,7%. Entre ateus, 9,3%.

OPINIÃO SOBRE O ESTADO DE ISRAEL



Fonte: Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa “Muito desfavorável” e 5 significa “Muito favorável”, qual é a sua opinião sobre o Estado de Israel? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

Mais do que uma divisão equilibrada entre posições favoráveis e desfavoráveis a Israel, os dados indicam a predominância de uma posição intermediária, já que quatro em cada dez entrevistados se situam no centro da escala. A análise segura dos dados nos levaria a substituir a ideia de “neutralidade” por “baixa definição de posição”, isso de fato seria mais preciso.

Autodeterminação ou colonização?

O mesmo padrão de concentração no centro aparece quando duas narrativas concorrentes sobre a criação do Estado são apresentadas aos entrevistados. Na primeira, o processo é definido como movimento de autodeterminação nacional dos judeus. Na segunda, como um tipo de colonização na qual novos habitantes se estabeleceram em território já habitado. Diante da primeira formulação, 18,8% concordam totalmente e, somadas as duas categorias de concordância, chega-se a aproximadamente 44%. Outros 44,2% não concordam nem discordam. Apenas cerca de 12% discordam parcial ou totalmente. Na formulação sobre colonização, 17,7% concordam totalmente e aproximadamente 41% concordam total ou parcialmente. Outros 43,8% permanecem na posição intermediária e cerca de 15% discordam parcial ou totalmente.

CONCORDÂNCIA COM AFIRMAÇÕES SOBRE O ESTADO DE ISRAEL

A criação do Estado de Israel pode ser entendida como um movimento de autodeterminação nacional dos judeus



A criação do Estado de Israel pode ser vista como um tipo de colonização em que novos habitantes se estabelecem em um território já habitado



● Concordo totalmente ● Concordo em parte ● Nem concordo e nem discordo
 ● Discordo em parte ● Discordo totalmente

Fonte: Em que medida você concorda com as seguintes afirmações sobre a criação do Estado de Israel? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

À primeira vista, pode causar surpresa que duas interpretações histórica e politicamente tensionadas apresentem níveis semelhantes de concordância. Parte da explicação está no tamanho da posição intermediária: em ambas as perguntas, cerca de 44% dos entrevistados evitam aderir ou rejeitar as formulações.

Entretanto, os microdados mostram que há mais do que isso: 63,5% dos entrevistados escolheram exatamente a mesma posição da escala para as duas afirmações. Mais de um terço, 34,1%, marcou “nem concordo nem discordo” em ambas. E 11,1% concordaram totalmente tanto com a definição de autodeterminação quanto com a de colonização. As duas leituras não são necessariamente incompatíveis. Uma pessoa pode considerar que o sionismo representa uma forma de autodeterminação nacional judaica e, ao mesmo tempo, avaliar que sua realização envolveu colonização, imigração e estabelecimento de população em um território habitado por outra população.

Quando os resultados são separados segundo a religião, a aparente semelhança dos dados começa a se desfazer. Entre evangélicos, 25,4% concordam totalmente que a criação de Israel representou autodeterminação nacional dos judeus. Entre católicos, são 16,8%; entre ateus, 14%. Na formulação sobre colonização, ocorre

um movimento diferente. A concordância total chega a 19,2% entre evangélicos, 15,2% entre católicos e 32,6% entre ateus. Entre os evangélicos, a diferença aparece também na rejeição: apenas 3,6% discordam totalmente da interpretação da autodeterminação, enquanto 9,2% discordam totalmente da interpretação da colonização.

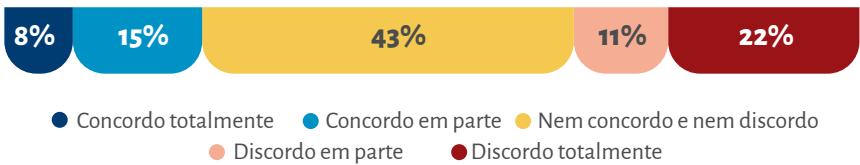
“ O debate público frequentemente organiza a história de Israel por meio de narrativas concorrentes.

Para parte da amostra brasileira, no entanto, elas não funcionam como uma oposição nítida, o que pode expressar ambivalência, desconhecimento ou baixa atenção, mas também uma leitura em que os dois processos coexistem.

Quando Israel interfere na percepção sobre os judeus

Questionados diretamente se as ações de Israel influenciam sua opinião sobre os judeus, 23% concordam total ou parcialmente, 43% não concordam nem discordam, enquanto 11% discordam em parte e 22% discordam totalmente, totalizando 33%.

CONCORDÂNCIA COM A FRASE “AS AÇÕES DE ISRAEL INFLUENCIAM MINHA OPINIÃO SOBRE JUDEUS”



Fonte: Qual o seu grau de concordância com a seguinte frase: “As ações de Israel influenciam minha opinião sobre judeus”? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)
Base: Total da amostra (2.006)

O sentido dessa influência permanece aberto, já que a pergunta não indica se as ações israelenses melhoram ou pioram a opinião dos entrevistados. O dado relevante está na própria existência da associação: para quase um quarto da amostra, Israel e os judeus não aparecem como objetos inteiramente independentes.

“ Ou seja, aquilo que um Estado faz pode interferir na percepção de uma coletividade religiosa, cultural e étnica muito mais ampla, formada por pessoas de diferentes nacionalidades, posições políticas e relações com o próprio Estado israelense.

3

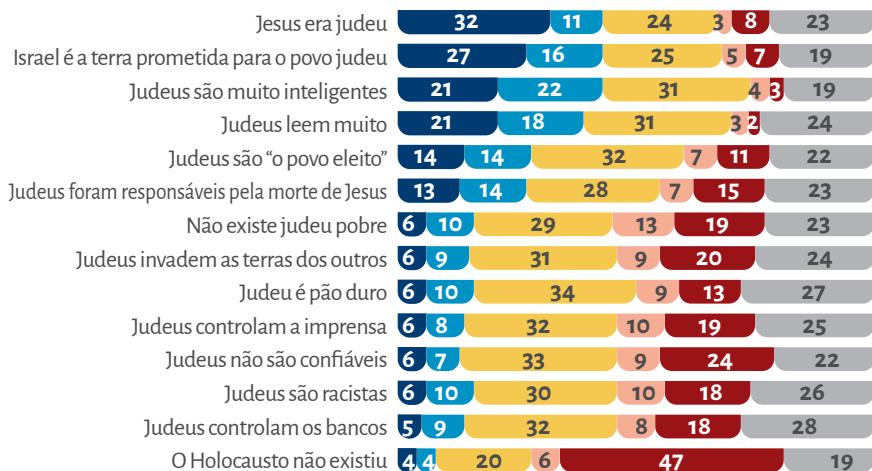
O ANTISSEMITISMO CULTURAL – OS ESTEREÓTIPOS QUE SOBREVIVEM

Diante de quatorze afirmações sobre os judeus, a pesquisa investigou o grau de concordância, discordância ou ausência de posição com relação às frases a seguir.

A afirmação com maior concordância entre aquelas que atribuem características coletivas é “judeus são muito inteligentes”: 21% concordam totalmente e 22% em parte, somando 43%. Logo depois vem “judeus leem muito”, com 39% de concordância total ou parcial. Entre aqueles que não conhecem nenhuma pessoa judia, aproximadamente 40% concordam total ou parcialmente que “judeus são muito inteligentes”. Entre quem conhece superficialmente, são cerca de 59%. Entre aqueles que declaram proximidade, aproximadamente 72%. Na afirmação “judeus leem muito”, a diferença se repete: a concordância passa de aproximadamente 35% entre aqueles sem contato para 55% entre quem possui contato superficial e ultrapassa 70% entre aqueles que declaram proximidade.

Na chave religiosa, 43% concordam total ou parcialmente que Jesus era judeu, a mesma proporção que considera Israel a Terra Prometida para o povo judeu. Na afirmação “Jesus era judeu”, a concordância cresce de cerca de 40% entre quem não conhece nenhuma pessoa judia para 54% entre quem conhece superficialmente e aproximadamente 63% entre aqueles que relatam proximidade.

CONCORDÂNCIA COM AS FRASES



● Concordo totalmente ● Concordo em parte ● Nem concordo e nem discordo
 ● Discordo em parte ● Discordo totalmente

Fonte: Agora, gostaria de saber o que você pensa sobre os judeus. Vou apresentar algumas afirmações e peço que você indique seu grau de concordância com cada uma delas: se concorda totalmente, concorda em parte, nem concorda nem discorda, discorda em parte ou discorda totalmente. Vamos lá: (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA POR LINHA)

Base: Total da amostra (2.006)

Vinte e oito por cento aceitam a ideia de “povo eleito”. Entre os evangélicos, 44,4% concordam total ou parcialmente com a afirmação. Entre católicos, a proporção é de 23%. A concordância também varia segundo a idade, passando de 20,9% entre os entrevistados de 18 a 24 anos para 30% entre aqueles com 45 anos ou mais.

Treze por cento concordam totalmente que os judeus foram responsáveis pela morte de Jesus, e outros 14% concordam em parte. Isso significa que 27% da amostra reproduzem, com algum grau de adesão, uma das imputações coletivas mais antigas já dirigidas a um povo. Entre os evangélicos, 33,8% concordam total ou parcialmente, percentual superior aos 24,2% encontrados entre católicos e

aos 22,1% registrados entre pessoas sem religião definida. A idade pesa menos: a concordância passa de 20,2% entre os jovens de 18 a 24 anos para 28,4% entre aqueles com 45 anos ou mais. Entre quem não conhece pessoalmente judeus, aproximadamente 24% concordam total ou parcialmente com a afirmação de deicídio. Entre aqueles que conhecem superficialmente, o percentual fica próximo de 37%. Entre os que relatam proximidade, chega a aproximadamente 47%.

No universo temático das associações dos judeus ao dinheiro e ao poder, que reúne algumas das representações que atravessaram com maior persistência a história do antissemitismo, observa-se que 16% dos entrevistados concordam total ou parcialmente que “não existe judeu pobre”, a mesma proporção considera que “judeu é pão-duro” e 14% afirmam que “judeus controlam os bancos”. A distribuição aponta para uma crença minoritária, mas socialmente significativa, ao mostrar que aproximadamente um em cada sete entrevistados considera plausíveis tais afirmações.

Entre os entrevistados que afirmam não conhecer nenhuma pessoa judia, 9,3% concordam total ou parcialmente que “judeus controlam os bancos”. Entre aqueles que conhecem judeus superficialmente, o percentual sobe para 26,7%. Entre os que dizem conhecer judeus e possuir proximidade com eles, chega a aproximadamente 40%.

Também na dimensão do poder, 14% concordam com a afirmação de que os “judeus controlam a imprensa”, que segue desenho semelhante ao da afirmação anterior. A concordância fica abaixo de 10% entre aqueles que não conhecem nenhuma pessoa judia, passa para aproximadamente 22% entre quem conhece superficialmente e alcança cerca de 38% entre os entrevistados que declaram proximidade.

A associação histórica entre judeus e dinheiro adquire outra dimensão quando deixa o terreno das características atribuídas ao grupo e passa a explicar a presença judaica em termos de poder e controle.

A pesquisa identifica um registro de natureza moral: 13% concordam, total ou parcialmente, que “judeus não são confiáveis”. Nessa afirmação, o julgamento passa a incidir sobre quem seriam essas pessoas e sobre como se poderia esperar que agissem nas relações cotidianas. Assim, uma característica atribuída a algumas pessoas transforma-se em uma expectativa sobre todas as demais, fazendo

do pertencimento judaico uma espécie de informação antecipada sobre caráter e comportamento.

Duas afirmações introduzem uma dimensão diferente. Quinze por cento dos entrevistados concordam total ou parcialmente que “judeus invadem as terras dos outros”, enquanto 16% atribuem aos judeus a característica de serem “racistas”. Aqui, o repertório se afasta das imagens historicamente mais conhecidas sobre dinheiro, avarizia, controle ou responsabilidade pela morte de Jesus e se aproxima de uma linguagem presente nas controvérsias políticas contemporâneas envolvendo Israel e o conflito israelo-palestino, sugerindo, portanto, a existência do que pode ser caracterizado como estereótipos político-territoriais.

O padrão de proximidade reaparece aqui. A concordância com “judeus são racistas” passa de aproximadamente 14% entre aqueles sem contato para 26% entre os que conhecem superficialmente e cerca de 30% entre os que relatam proximidade. Para a afirmação “judeus invadem as terras dos outros”, os valores são aproximadamente 14%, 21% e 29%, respectivamente.

A negação do Holocausto fecha a lista, com 8% de concordância total ou parcial. A distribuição das respostas mostra que a rejeição ao negacionismo constitui a posição predominante, reunindo 53% da amostra. Embora minoritário, esse percentual corresponde a aproximadamente oito em cada cem entrevistados dispostos a aceitar, em algum grau, uma afirmação que nega um dos acontecimentos históricos mais documentados do século XX. Mesmo em patamares menores, não desaparece o padrão entre os entrevistados que aderem às afirmações e dizem possuir contato pessoal com judeus. A concordância total ou parcial com “o Holocausto não existiu” fica em torno de 7% entre quem não conhece judeus e próxima de 20% no grupo que declara conhecer uma pessoa judia e possuir proximidade.

Nesta pesquisa, o contato declarado não funciona como indicador automático de menor adesão a estereótipos. Ao contrário, a análise dos microdados sugere uma possibilidade de leitura também interessante:

“ O grupo que declara contato próximo com judeus não parece apenas “mais preconceituoso”, mas também mais opinativo.

Considerando conjuntamente as 14 frases sobre os judeus, a escolha de “nem concordo nem discordo” aparece, em média, em cerca de 31% das respostas entre quem não conhece nenhuma pessoa judia. Entre aqueles que declaram conhecer e possuir proximidade, esse percentual cai para aproximadamente 14%.

O padrão persiste nas afirmações positivas ou factuais. Mas o fenômeno encontrado não pode ser reduzido a “quanto mais contato, mais antissemitismo”. Os dados não sustentam uma conclusão tão simples.

“ O que eles mostram é que quanto maior o contato declarado, maior parece ser também a disposição para atribuir características aos judeus, sejam elas historicamente corretas, elogiosas, religiosas ou claramente estereotipadas.

Tomados em conjunto, esses resultados não desenhavam uma população uniformemente hostil aos judeus, e nenhum autoriza somar as respostas em um único percentual nacional de antissemitismo. As respostas são mais fragmentadas e exigem um olhar mais detalhado, realizado no Dossiê Analítico desta pesquisa.

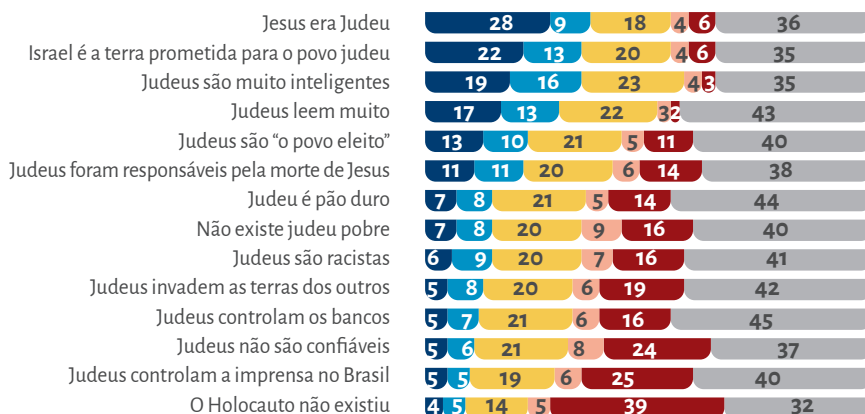
Entre 2024 e 2026, diminuiu a indefinição

A comparação com a mesma bateria aplicada em 2024 (base de 2.073 entrevistados) mostra o movimento mais regular de toda a pesquisa: a diminuição expressiva de entrevistados que escolhem “não sei dizer” em praticamente todas as afirmações, independentemente de seu conteúdo ser religioso, econômico, elogioso ou negacionista.

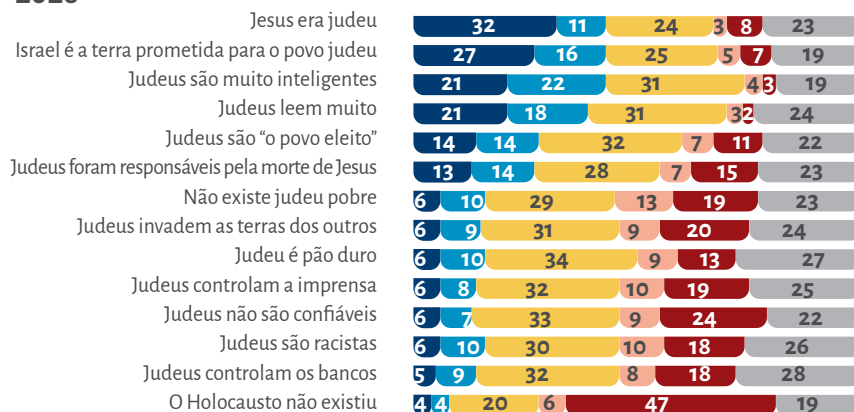
Esse recuo do desconhecimento declarado não deve ser lido automaticamente como aumento do conhecimento histórico ou cultural, ou movimento uniforme de crescimento ou retração do preconceito. As respostas migram para a concordância, a discordância e a posição intermediária de forma simultânea. O dado mais sólido é o de que o brasileiro pesquisado em 2026 chega a essas perguntas com mais opinião formada do que em 2024. O tema se tornou mais disponível e, com ele, também aumentou a disponibilidade de respostas.

SÉRIE HISTÓRICA: CONCORDÂNCIA COM AS FRASES

2024



2026



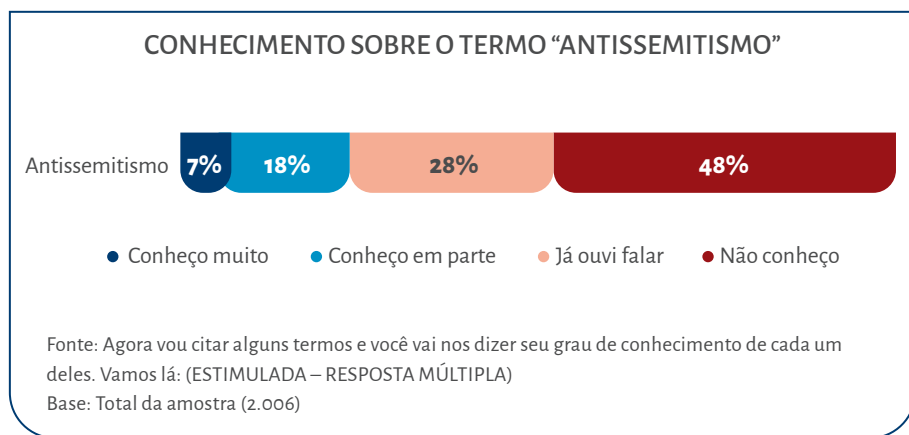
● Concordo totalmente ● Concordo em parte ● Nem concordo e nem discordo
 ● Discordo em parte ● Discordo totalmente

Fonte: Agora, gostaria de saber o que você pensa sobre os judeus. Vou apresentar algumas afirmações e peço que você indique seu grau de concordância com cada uma delas: se concorda totalmente, concorda em parte, nem concorda nem discorda, discorda em parte ou discorda totalmente. Vamos lá: (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA POR LINHA)

Base: Total da amostra (2.073) (2024) / Total da amostra (2.006) (2026)

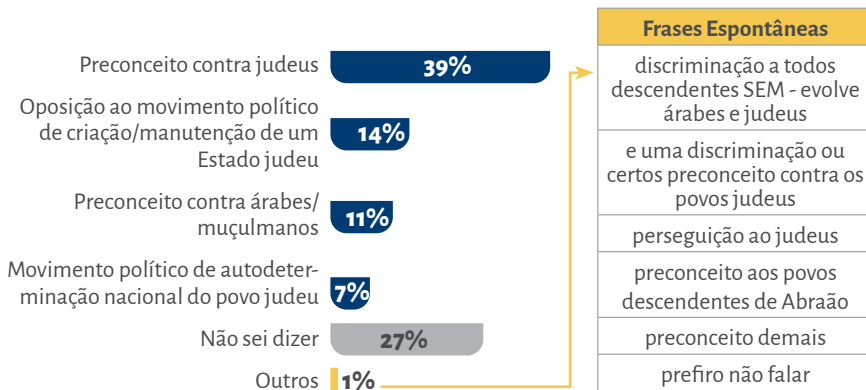
O paradoxo do reconhecimento do antissemitismo

A maior disposição dos brasileiros para opinar ainda convive com uma dificuldade importante de nomeação. Quando perguntados diretamente sobre o termo “antissemitismo”, 48% dos entrevistados afirmam não conhecê-lo. Apenas 7% dizem conhecê-lo muito, 18% afirmam conhecer em parte e 28% relatam já ter ouvido falar.



A distância entre reconhecer a palavra e compreender seu significado torna-se mais evidente entre os 1.046 entrevistados que dizem conhecer ou já ter ouvido falar em antissemitismo. Dentro desse grupo, 39% escolhem “preconceito contra judeus” como a definição que melhor corresponde ao termo. Outros 14% o associam à oposição ao movimento político de criação ou manutenção de um Estado judeu, 11% o identificam como preconceito contra árabes ou muçulmanos, 7% o relacionam ao movimento político de autodeterminação nacional do povo judeu e 27% dizem não saber responder.

O QUE MELHOR DEFINE ANTISSEMITISMO?

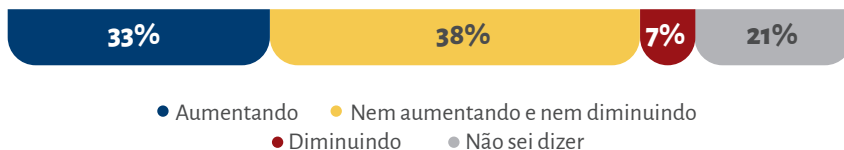


Fonte: Qual das opções abaixo melhor define "antissemitismo" na sua opinião? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Quem conhece/ouviu falar sobre antissemitismo (1.046)

A percepção sobre o crescimento do antissemitismo foi apresentada aos 412 entrevistados que declararam conhecer ou ter ouvido falar do termo e, na sequência, escolheram a definição considerada adequada pela pesquisa. Dentro desse grupo específico, 33% consideram que o antissemitismo está aumentando no Brasil, 38% avaliam que permanece no mesmo nível, 7% acreditam que está diminuindo e 21% não sabem responder.

O ANTISSEMITISMO ESTÁ AUMENTANDO OU DIMINUINDO NO BRASIL?

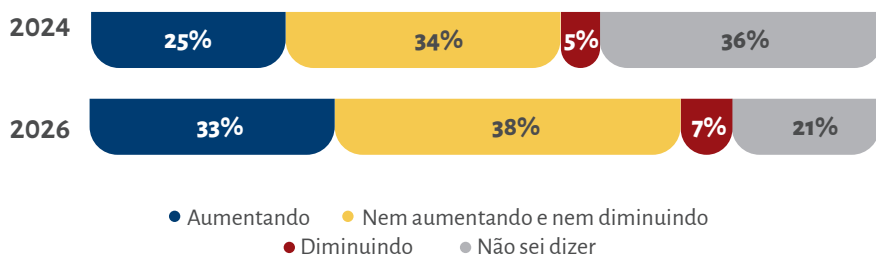


Fonte: Em relação ao antissemitismo no Brasil, você acredita que está aumentando ou diminuindo? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Quem conhece/ouviu falar sobre antissemitismo e sabe a descrição que melhor define o termo "antissemitismo" na pergunta anterior (412)

Na comparação com 2024, a percepção de aumento passa de 25% para 33% em 2026, enquanto o “não sei” recua de 36% para 21%. As bases são diferentes e restritas, com 934 respondentes em 2024 e 412 em 2026, o que recomenda que a comparação seja lida como movimento observado dentro desses subconjuntos, preservando as diferenças entre eles.

SÉRIE HISTÓRICA: O ANTISSEMITISMO ESTÁ AUMENTANDO OU DIMINUINDO NO BRASIL?



Fonte: Em relação ao antissemitismo no Brasil, você acredita que está aumentando ou diminuindo? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Apenas quem sabe o que significa o termo “antissemita” e “antissemitismo” (934) (2024) / Quem conhece/ouviu falar sobre antissemitismo e sabe a descrição que melhor define o termo “antissemitismo” na pergunta anterior (412) (2026)

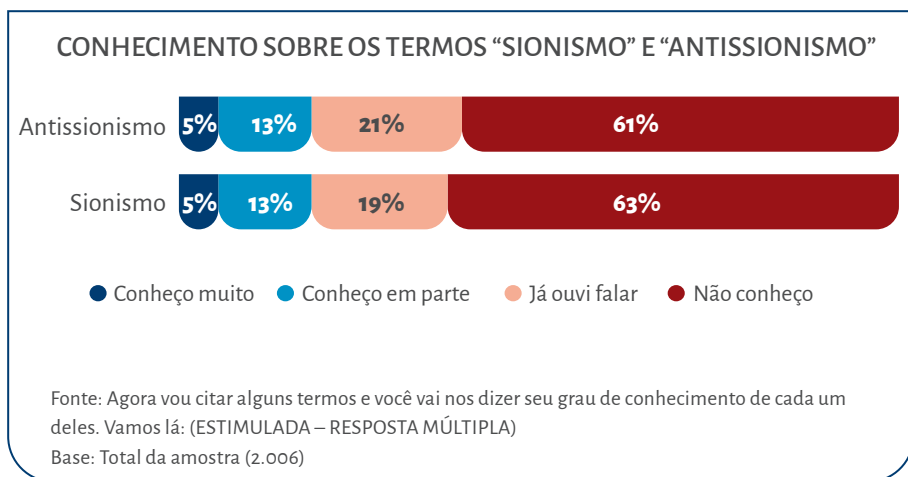
“ O Brasil pesquisado em 2026 parece mais disposto a formular julgamentos sobre antissemitismo e sobre os judeus, mesmo quando o domínio dos conceitos permanece desigual.

Sionismo e antissionismo: o paradoxo se aprofunda

O baixo conhecimento declarado sobre o termo sionismo convive com opiniões relativamente definidas sobre Israel, sua criação, o conflito e o direito à autodeterminação judaica. Isso sugere que muitos entrevistados possuem posições sobre questões relacionadas historicamente ao sionismo sem necessariamente or-

ganizar essas posições a partir do conceito ou conhecer seu significado histórico. Por essa razão, seria pouco rigoroso interpretar automaticamente críticas a Israel como antissionismo, assim como seria inadequado identificar simpatia por Israel como adesão consciente ao sionismo.

“ A pesquisa mostra justamente que Israel, judaísmo, sionismo e antissemitismo ocupam campos que se cruzam, mas permanecem conceitualmente distintos.

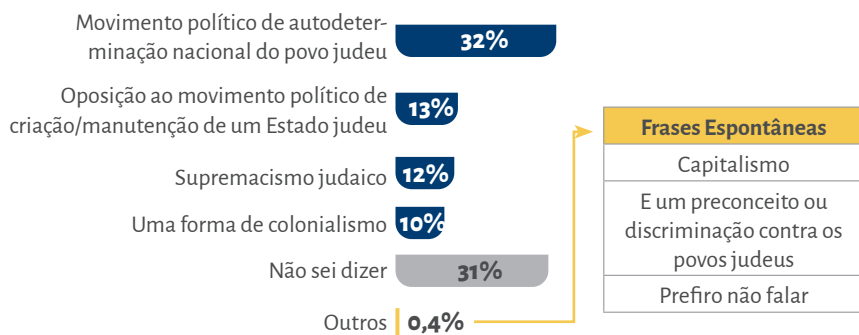


Os números confirmam essa distância. Sionismo e antissionismo são, entre os termos testados pela pesquisa, os menos reconhecidos pelos entrevistados. Sessenta e três por cento declaram não conhecer “sionismo”: apenas 5% dizem conhecer muito, 13% conhecer em parte e 19% já ter ouvido falar. O quadro do “antissionismo” se repete quase ponto a ponto. Sessenta e um por cento declaram não conhecer o termo, 5% conhecem muito, 13% conhecem em parte e 21% já ouviram falar.

A dificuldade está além de saber ou não saber. Entre os 734 entrevistados que dizem conhecer ou já ter ouvido falar em “sionismo”, 32% escolhem a definição

mais próxima do conceito, como “movimento político de autodeterminação nacional do povo judeu”. Treze por cento escolhem, em vez disso, a opção que melhor define antissionismo, “oposição ao movimento político de criação ou manutenção de um Estado judeu”.

O QUE MELHOR DEFINE SIONISMO?

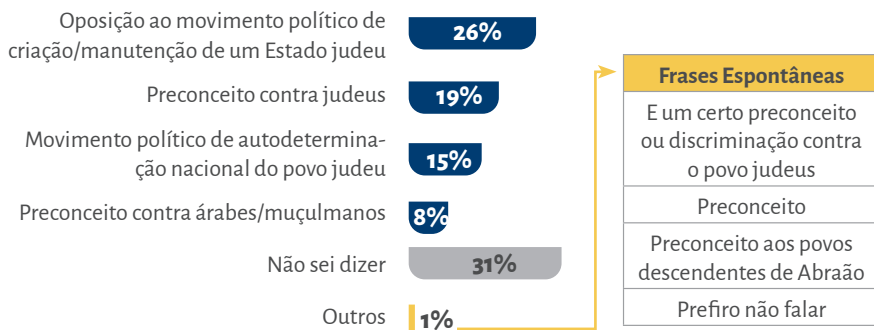


Fonte: Qual das opções abaixo melhor define “sionismo” na sua opinião? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Quem conhece/ouviu falar sobre sionismo (734)

O mesmo ocorre no sentido inverso, entre os 778 entrevistados que declaram conhecer o conceito “antissionismo”, 26% escolhem a definição que melhor corresponde ao termo, enquanto 15% escolhem a definição de sionismo e 19% escolhem “preconceito contra judeus”, a definição de antissemitismo. Ou seja, uma parcela relevante de quem afirma familiaridade com esses termos não apenas desconhece seu significado preciso, como também os confunde entre si.

O QUE MELHOR DEFINE ANTISSIONISMO?



Fonte: Qual das opções abaixo melhor define "antissionismo" na sua opinião? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Quem conhece/ouviu falar sobre antissionismo (778)

Diante desse cenário, leituras que tratam sionismo e antissionismo como posições claramente compreendidas e mutuamente excludentes na opinião pública brasileira encontram pouco amparo nos dados apresentados.

“ O que a pesquisa indica é um território conceitual pouco conhecido, internamente confuso e, ainda assim, carregado de posições e associações prévias, exatamente a combinação que também explica a permanência de outros estereótipos identificados neste dossiê.

4

O PESO DO CONFLITO

A guerra ocupa um lugar desproporcional na imagem contemporânea de Israel entre os brasileiros, já visto na Parte II. Este bloco mostra que essa associação vai além da lembrança de acontecimentos recentes: ela participa do reconhecimento de Israel, produz julgamentos morais sobre suas ações, interfere na posição sobre a política externa brasileira e, para uma parcela dos entrevistados, alcança também a percepção sobre os próprios judeus.

“ É nesse sentido que o conflito se torna uma dimensão central da pesquisa, porque oferece um terreno particularmente fértil para observar como conhecimento, informação, emoção e julgamento político se encontram.

O 7 de outubro e a resposta israelense

A primeira evidência dessa centralidade está na ampla circulação pública alcançada pelo Hamas e pelos acontecimentos de 7 de outubro de 2023. Sessenta e sete por cento dos entrevistados conhecem ou já ouviram falar do Hamas, e 63% conhecem ou já ouviram falar do ataque de 7 de outubro de 2023 a Israel.

CONHECE OU OUVIU FALAR DO HAMAS?



Fonte: Você conhece ou já ouviu falar no Hamas? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

CONHECE OU OUVIU FALAR NO ATAQUE DO HAMAS NO DIA 7 DE OUTUBRO DE 2023 A ISRAEL?

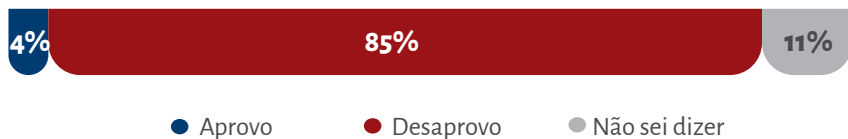


Fonte: No dia 7 de outubro de 2023, o Hamas invadiu o sul de Israel. O ataque resultou na morte de mais de 1.200 israelenses e estrangeiros, além de 251 pessoas feitas reféns. Você conhece ou já ouviu falar no ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 a Israel? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

Entre os 1.255 entrevistados que viram, leram ou ouviram falar sobre o ataque de 7 de outubro, 85% afirmam desaprová-lo, enquanto 4% dizem aprová-lo e 11% não sabem responder. Trata-se de um dos resultados mais definidos de todo o levantamento.

NÍVEL DE APOIO AO ATAQUE DO HAMAS EM 7 DE OUTUBRO DE 2023 A ISRAEL



Fonte: Você aprova ou desaprova o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 a Israel? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

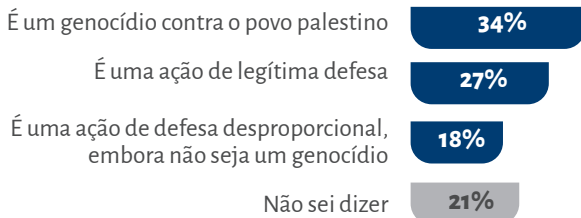
Base: Quem viu, leu ou ouviu falar sobre o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 (1.255)

Quando esse mesmo universo é convidado a escolher a frase que melhor descreve a resposta militar de Israel em Gaza, 34% afirmam que ela constitui “um genocídio contra o povo palestino”, 27% como “uma ação de legítima defesa”, 18% consideram que se trata de “uma ação de defesa desproporcional, embora não seja um genocídio”, e 21% dizem não saber responder.

“ A existência simultânea dessas três leituras oferece uma descrição muito mais adequada da opinião pública pesquisada do que a divisão habitual entre posições simplesmente “pró-Israel” ou “anti-Israel”.

A ampla convergência observada na condenação ao 7 de outubro dá lugar, portanto, a uma distribuição muito mais fragmentada quando o objeto passa a ser a atuação israelense. Os entrevistados conseguem condenar de maneira muito expressiva o ataque do Hamas e, ao mesmo tempo, divergir sobre a natureza e os limites da resposta de Israel.

QUAL FRASE MELHOR DESCREVE A RESPOSTA MILITAR DE ISRAEL EM GAZA?



Fonte: Qual das frases abaixo melhor descreve a sua visão sobre a resposta militar de Israel em Gaza após os ataques em 7 de outubro de 2023? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Quem viu, leu ou ouviu falar sobre o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 (1.255)

Essa distinção se confirma quando a pergunta abandona as categorias utilizadas para caracterizar a resposta e solicita diretamente uma avaliação das ações militares israelenses contra o Hamas: 37% aprovam, 36% desaprovam e 27% não

sabem dizer, um contraste marcante com os 85% de desaprovação ao ataque do Hamas. Rejeitar o ataque de 7 de outubro e questionar a resposta militar israelense não são, para parte relevante da amostra, posições incompatíveis.

NÍVEL DE APOIO ÀS AÇÕES MILITARES DE ISRAEL CONTRA O HAMAS

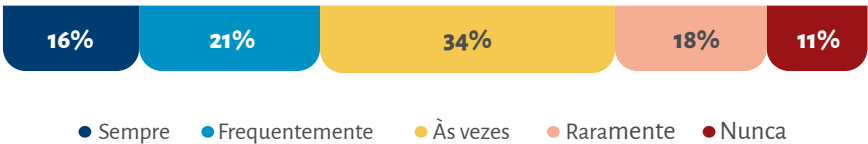


Fonte: Você aprova ou desaprova as ações militares de Israel contra o Hamas como resposta aos ataques em 7 de outubro de 2023? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Quem viu, leu ou ouviu falar sobre o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 (1.255)

A guerra como imagem de Israel

FREQUÊNCIA QUE VÊ NOTÍCIAS SOBRE GUERRAS NA MÍDIA



Fonte: Com que frequência você vê notícias ou imagens sobre guerras na mídia? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

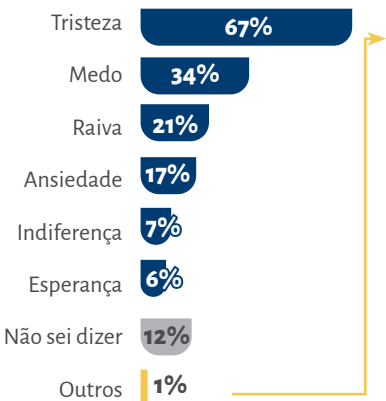
Base: Total da amostra (2.006)

Sobre o consumo de notícias de guerra, 16% dizem ver sempre notícias ou imagens sobre guerras na mídia, 21% frequentemente e 34% às vezes. Somadas essas três frequências, 71% da amostra relata algum grau recorrente de exposição a conteúdos relacionados à guerra. Esse ambiente ajuda a compreender a força

adquirida pelo conflito na construção da imagem pública de Israel: para uma parcela dos brasileiros, a sociedade israelense permanece distante, enquanto a guerra chega repetidamente por imagens de bombardeios, destruição urbana, soldados, reféns, mortos, feridos e deslocamentos de população.

“ Israel passa a ser encontrado reiteradamente no espaço público brasileiro em situações de violência, e essa repetição contribui para fazer do conflito uma de suas referências mais imediatamente disponíveis.

QUAIS SENTIMENTOS NOTÍCIAS DE GUERRA DESPERTAM?



Frases Espontâneas	
Tristeza, pois não agem como o que Jesus pregou	Medo da 3ª guerra Mundial
Sinto pena daquelas pessoas	Jesus está voltando
Sentimentos de fúria e revolta porque o ser humano só quer o poder, mesmo que matem milhares de pessoas inocentes	Indignação
Sem surpresas, já eram esperadas.	Impotência (duas menções)
Revolta	Ignorância
Preocupação	Fé
Pecado	E justiça
Pavor, pânico, indignação	Decepcionamento
O motivo da guerra pra mim é importante e Hamas é uma organização criminosa e não organização militar	Comoção

Fonte: Quais sentimentos as notícias sobre guerras despertam em você? (ESTIMULADA – RESPOSTA MÚLTIPLA)
Base: Total da amostra (2.006)

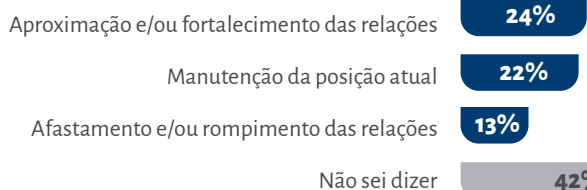
A dimensão emocional desse processo aparece quando a pesquisa pergunta sobre os sentimentos provocados pelas notícias de guerra. Tristeza é mencionada por 67% dos entrevistados, medo por 34%, raiva por 21% e ansiedade por 17%, enquanto indiferença aparece em 7% e esperança em 6%. As respostas espontâneas reforçam essa diversidade ao registrar referências a impotência, indignação, preocupação, fé, revolta e medo de uma “terceira guerra mundial”. A guerra é, portanto, simultaneamente informação e experiência afetiva.

Do conflito à política externa brasileira

Quando a pesquisa passa da avaliação da guerra para a política externa, a definição das posições diminui consideravelmente. Perguntados sobre o que o governo brasileiro deveria fazer em relação a Israel, 42% não sabem responder, 24% defendem aproximação ou fortalecimento das relações, 22% preferem a manutenção da posição atual e 13% apoiam afastamento ou rompimento.

“ A intensidade emocional e a proximidade com as informações sobre a guerra não se traduzem, portanto, com a mesma clareza em uma orientação sobre a conduta diplomática do Brasil.

QUAL DEVE SER A POSIÇÃO DO GOVERNO EM RELAÇÃO A ISRAEL?



Fonte: Pensando nos interesses do Brasil, qual deve ser a posição do governo em relação a Israel? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

A indefinição cresce ainda mais quando a questão envolve a adesão brasileira à acusação apresentada pela África do Sul contra Israel na Corte Internacional de Justiça. Cinquenta e um por cento dos entrevistados dizem não saber se concordam ou discordam da posição brasileira, enquanto 22% concordam e 26% discordam.

CONCORDÂNCIA COM O POSICIONAMENTO DO BRASIL EM ADERIR À ACUSAÇÃO DE GENOCÍDIO NA CORTE INTERNACIONAL DE JUSTIÇA



Fonte: O Brasil aderiu à acusação da África do Sul na Corte Internacional de Justiça de que Israel comete genocídio em Gaza. Você concorda ou discorda desse posicionamento do Brasil? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

A questão exige familiaridade com a posição adotada pelo governo brasileiro, com o processo em curso na Corte, com o direito internacional e com o próprio conceito jurídico de genocídio, o que ajuda a compreender a dimensão alcançada pela resposta “não sei”.

“ O conflito chega, portanto, em diferentes níveis de profundidade. A imagem da guerra possui enorme circulação, os grandes enquadramentos políticos também encontram espaço, enquanto aspectos institucionais e jurídicos mais específicos produzem uma zona muito maior de desconhecimento.

5 EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E CONHECIMENTO HISTÓRICO

Os dados revelam uma diferença relevante entre o conhecimento sobre a comunidade judaica e o conhecimento sobre o Holocausto. Enquanto 32% dos entrevistados se recordam de ter aprendido algo sobre a comunidade judaica, 67% afirmam conhecer ou já ter ouvido falar do Holocausto.

“ A associação sugere que os brasileiros parecem reconhecer com muito mais facilidade determinados acontecimentos associados à história dos judeus, como o Holocausto, do que a experiência judaica como realidade histórica, social e cultural.

MEMÓRIA DE APRENDIZAGEM SOBRE A COMUNIDADE JUDAICA



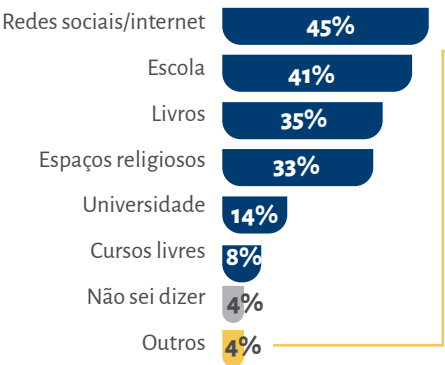
Fonte: Você se recorda de já ter aprendido algo sobre a comunidade judaica? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

Para mais de dois terços da amostra, a comunidade judaica não aparece como objeto claramente reconhecível de uma experiência anterior de aprendizagem.

Entre os 637 entrevistados que registram algum aprendizado, a fonte mais citada não é a escola: redes sociais e internet aparecem em primeiro lugar, com 45%, seguidas por escola, com 41%, livros, com 35%, e espaços religiosos, com 33%. Universidade e cursos livres ocupam posições menores. O dado nos permite identificar um circuito heterogêneo de aprendizagem no qual a educação formal participa de maneira importante, mas divide espaço com ambientes digitais, religiosos e culturais.

LUGAR DE APRENDIZAGEM SOBRE A COMUNIDADE JUDAICA



Frases Espontâneas	
Tv	Documentários em canais de TV a cabo
Trabalho	Documentários
Trabalhei com Judeu	Convivi com amigos judeus
Pessoas	Conversas
Pesquisas minhas	Conhecido me disse
Parentes	Com conhecidos que são judeus
Palestra	Com amigos
não aprendi	Bíblia (seis menções)
Na comunidade em Londres	Amigos
Filmes (quatro menções)	

Fonte: Onde você aprendeu sobre a comunidade judaica? (ESTIMULADA – RESPOSTA MÚLTIPLA)
Base: Apenas para quem se recorda de já ter aprendido algo sobre a comunidade judaica (637)

O quadro se modifica quando a pergunta deixa de tratar genericamente da comunidade judaica e se volta para o Holocausto. Nesse caso, 67% dos entrevistados afirmam conhecer ou já ter ouvido falar do acontecimento.

CONHECIMENTO PRÉVIO SOBRE O HOLOCAUSTO



Fonte: Você conhece ou já ouviu falar a respeito do Holocausto? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

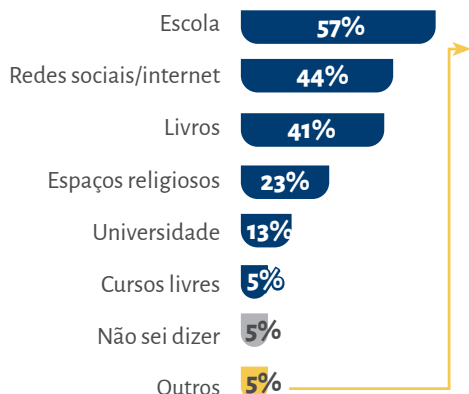
Base: Total da amostra (2.006)

A distribuição regional acrescenta outros aspectos à análise. No levantamento, o Sul registra 72,1% de conhecimento ou reconhecimento do Holocausto e o Centro-Oeste, 71,2%, enquanto o Sudeste aparece com 65,4%. Embora essas diferenças devam ser interpretadas considerando o tamanho das subamostras, os dados indicam que a presença do Holocausto na memória declarada dos entrevistados varia regionalmente. O conhecimento do Holocausto também não acompanha perfeitamente o conhecimento declarado sobre os judeus. Sul e Centro-Oeste aparecem com os maiores percentuais de conhecimento ou reconhecimento do Holocausto, enquanto a Região Norte registra o maior percentual de entrevistados que afirmam “conhecer muito” sobre os judeus.

Entre aqueles que reconhecem o Holocausto, a escola é mencionada como espaço de aprendizagem por 57%, seguida por redes sociais e internet, com 44%; livros, com 41%; e espaços religiosos, com 23%. Como a pergunta permitia respostas múltiplas, esses percentuais descrevem presença, e não exclusividade.

O Holocausto possui uma presença muito mais consolidada na memória dos entrevistados e uma ligação mais forte com a experiência escolar, enquanto o conhecimento sobre a comunidade judaica se apresenta de maneira mais dispersa e depende, em maior medida, de fontes exteriores à educação formal.

LUGAR DE APRENDIZAGEM SOBRE O HOLOCAUSTO



Frases Espontâneas

Um judeu me contou	Vídeos
Primeira vez que soube foi através de filme, e depois em vídeos	Documentários
Filmes	Internet
Não lembro, mais acho que foi em assuntos de família	Igreja
Não lembro	Google
Fui ao museu do holocausto	Escola
Minha avó era judia	Livros
Em pesquisas, livros e mídias impressas e digital	Novela
Jornal	Cinema
Jogos	Bíblia

Fonte: Onde você aprendeu sobre o Holocausto? (ESTIMULADA – RESPOSTA MÚLTIPLA)

Base: Apenas para quem conhece ou já ouviu falar a respeito do Holocausto (1.346)

Já o contato direto com instituições da comunidade judaica é raríssimo: apenas 3% dos entrevistados já visitaram ou tiveram contato com sinagogas, museus sobre o Holocausto ou a Segunda Guerra, centros culturais ou escolas judaicas; 97% nunca tiveram esse tipo de contato. Entre as poucas menções espontâneas registradas estão sinagogas no Recife, em São Paulo e em Curitiba, museus do Holocausto no Brasil e no exterior, centros culturais e federações israelitas.

VISITOU OU TEVE CONTATO COM INSTITUIÇÕES DA COMUNIDADE JUDAICA?



- Sim
- Não

Fonte: Você já visitou ou teve contato com alguma instituição da comunidade judaica (por exemplo: sinagogas, museus sobre o Holocausto ou II Guerra ou tolerância, centros culturais ou escolas judaicas)? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)
Base: Total da amostra (2.006)

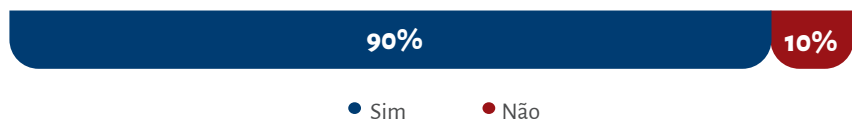
Frases Espontâneas	
A Hebraica	Museu do Holocausto em Washington
A primeira sinagoga em Recife/PE	Quando visitei a Alemanha
Centro judaico no Rio de Janeiro	Recife tem a primeira do Brasil
Clube Hebraica	Sim, clube israelita
Colégio Israelita Moysés Chvarts Recife/PE. Escola mais antiga do Brasil	Sinagoga Beit Yaacov de Curitiba
Comunidade no metro Sumaré	Sinagoga de Botafogo
Em Amsterdam	Sinagoga do Recife a primeira no Brasil
Em Sp na Júlio Preste	Sinagoga Kahal Zur Israel-Recife/PE
Exposição da Anne Frank	Sinagoga no Recife
Federações israelita	Sinagogas, judeus e museus na Alemanha
Museu da Grande Guerra - ES	Sinagogas, museus
Museu do Holocausto em Curitiba (duas menções)	Templo de Salomão
Museu do Holocausto e II Guerra e centros culturais	Triângulos roxos

“ O Brasil pesquisado em 2026 parece conhecer melhor a história das perseguições e dos processos e tentativas de destruição dos judeus do que a vida judaica, e essa distância ajuda a compreender por que uma memória relativamente difundida do Holocausto pode coexistir com pouco contato social, escassa lembrança de aprendizagem sobre a comunidade judaica e a permanência de representações construídas em outros espaços.

O ANTISSEMITISMO DIGITAL – CIRCULAÇÃO, MEDIAÇÃO E RECONHECIMENTO

A pesquisa oferece elementos importantes para compreender o papel do ambiente digital na circulação de representações sobre judeus, Israel e antissemitismo no Brasil contemporâneo, embora seu desenho também estabeleça limites para essa análise.

USO DE REDES SOCIAIS



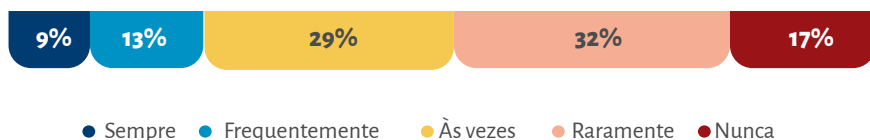
Fonte: Você utiliza redes sociais? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

Noventa por cento dos entrevistados utilizam redes sociais. Quando perguntados sobre a frequência com que encontram conteúdos relacionados aos judeus e a Israel na internet, 9% respondem “sempre”, 13% “frequentemente” e 29% “às vezes”, enquanto 32% relatam encontrá-los raramente e 17% nunca. Temos,

assim, 51% que reconhecem algum contato pelo menos ocasional e 49% que descrevem contato raro ou inexistente. Judeus e Israel constituem temas reconhecíveis no ambiente digital de uma parcela importante da população, mas sua presença varia intensamente segundo os usuários e não corresponde a uma exposição uniforme.

FREQUÊNCIA DE EXPOSIÇÃO A CONTEÚDOS SOBRE JUDEUS E ISRAEL NA INTERNET



Fonte: Com que frequência você se depara com conteúdos sobre judeus e Israel na internet? (ESTIMULADA – RESPOSTA ÚNICA)

Base: Total da amostra (2.006)

Quarenta e seis por cento dos entrevistados afirmam já ter visto referências aos judeus ou a Israel em filmes, séries, jogos ou músicas, 26% recordam símbolos nazistas ou referências à Segunda Guerra Mundial utilizados em memes, 24% mencionam conteúdos educativos ou de conscientização, 18% relatam piadas sobre estereótipos judaicos relacionados a dinheiro, poder ou aparência e 12% dizem ter encontrado piadas ou memes sobre o Holocausto. Outros 31% não sabem identificar os tipos de conteúdo com os quais tiveram contato.

O ambiente digital reúne conteúdos produzidos originalmente em contextos muito diferentes, retira alguns deles de suas mediações anteriores e os reinsere em novos circuitos de circulação.

“ Um estereótipo pode atravessar gerações justamente porque encontra novas linguagens nas quais continuar sendo reconhecido. Piadas, montagens, vídeos curtos e memes

oferecem formas particularmente rápidas de condensação, nas quais uma associação histórica complexa pode ser reduzida a poucos segundos, uma imagem ou uma frase.

TIPOS DE CONTEÚDO QUE JÁ VIU RELACIONADOS AOS JUDEUS E A ISRAEL

Referências em filmes, séries, jogos ou músicas **46%**

Uso de símbolos nazistas ou da Segunda Guerra em memes **26%**

Conteúdos educativos de conscientização ou material didático **24%**

Piadas sobre estereótipos judaicos (dinheiro, poder, aparência etc.) **18%**

Piadas ou memes sobre o Holocausto **12%**

Não sei dizer **31%**

Outros **1%**

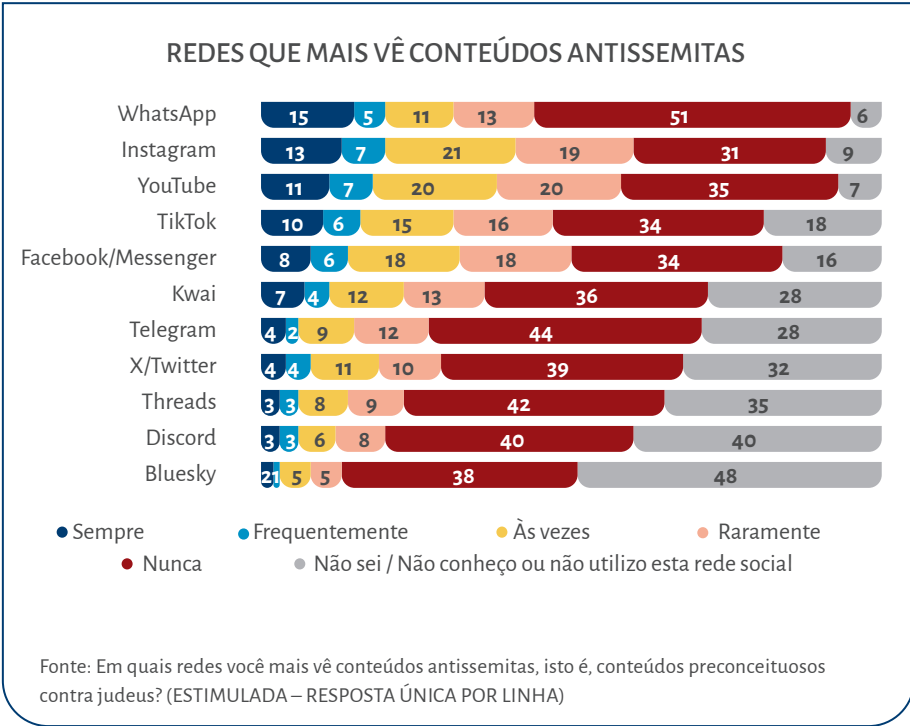
Fonte: Assinale os tipos de conteúdos listados abaixo que você já viu relacionados aos judeus e a Israel na internet? (ESTIMULADA – RESPOSTA MÚLTIPLA)

Base: Total da amostra (2.006)

Frases Espontâneas

YouTube, Facebook, costumo estudar sobre o assunto também!	Procuro a parte boa a história
Vejo mais sobre Netanyahu e sobre os ataques ao Líbano e ao Irã	Não tenho interesse
Trailers de documentários	Só sobre guerras
Procuro a parte boa a história	Nenhum acima
Ódio a Israel	Inúmeros documentários
Notícias de guerras recentes e os ataques de Israel em Gaza. Conteúdos informando sobre a violência utilizada por Israel	Nenhum
Falando mais sobre as questões de guerra e conflitos com o Irã	Guerras
Conteúdos relacionados ao Hamas	Jornais
Kabalah	Notícias sobre os conflitos travados atualmente
Informativo	Já vi documentários sobre o assunto

Questionados em quais redes mais encontram conteúdo antissemita, os entrevistados citam o WhatsApp, onde 15% dizem ver sempre e 5% frequentemente. No Instagram, os percentuais são de 13% e 7%; no YouTube, 11% e 7%; no TikTok, 10% e 6%; e no Facebook/Messenger, 8% e 6%. Telegram, X/Twitter, Threads, Discord e Bluesky apresentam percentuais menores, acompanhados também por proporções maiores de entrevistados que não utilizam, não conhecem ou não sabem responder sobre essas plataformas.

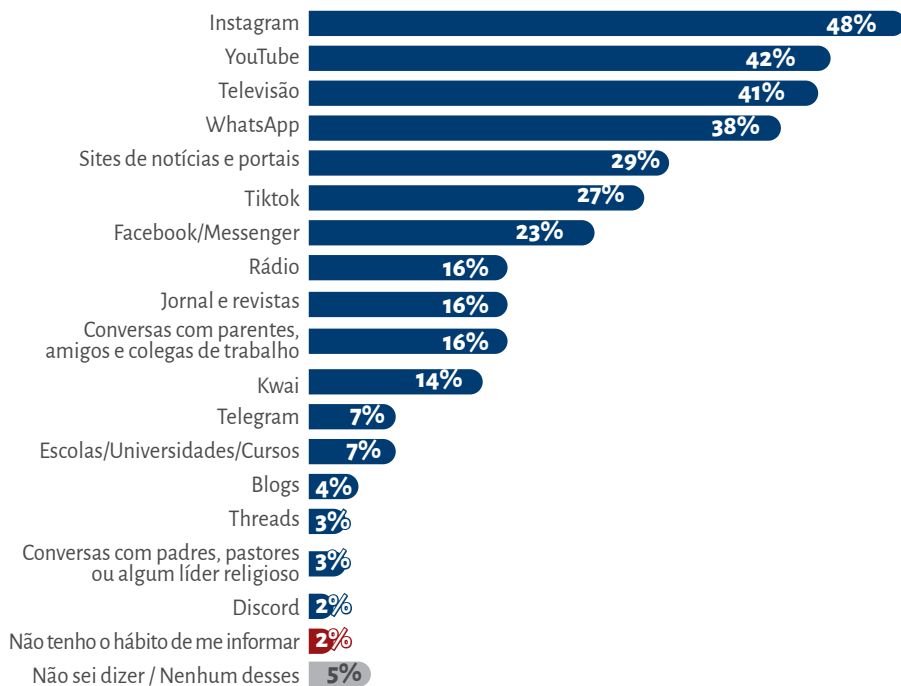


Uma plataforma amplamente utilizada pode aparecer com maior frequência simplesmente porque oferece mais oportunidades de exposição, enquanto outra, utilizada por um grupo menor, poderia apresentar uma experiência proporcionalmente intensa entre seus usuários sem alcançar grande peso na amostra total.

Como canais de informação no dia a dia, o Instagram é mencionado por 48% dos entrevistados como canal utilizado para informação, seguido por YouTube, com

42%, televisão, com 41%, e WhatsApp, com 38%. Sites de notícias e portais aparecem com 29%, TikTok com 27%, Facebook/Messenger com 23%, enquanto rádio, jornais e revistas alcançam 16%, mesmo percentual das conversas com parentes, amigos e colegas. Escolas, universidades e cursos aparecem com 7%.

CANAIS QUE UTILIZA PARA SE INFORMAR NO DIA A DIA



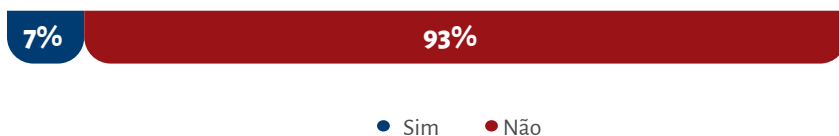
Fonte: Agora, eu vou listar uma série de canais de informação e você vai me falar quais são os que você mais utiliza para se informar no dia a dia. (ESTIMULADA – RESPOSTA MÚLTIPLA)

Base: Total da amostra (2.006)

Apesar da centralidade das redes sociais, apenas 7% dos entrevistados (134 pessoas) dizem acompanhar algum influenciador de sua cidade ou Estado para se informar sobre política; 93% dizem não fazê-lo. Entre os 134 que responderam “sim”, os nomes citados aparecem muito dispersos. O mais mencionado recebe

apenas 17 referências, enquanto vários outros acumulam duas ou três. Dessa forma, a pulverização torna pouco produtivo atribuir a lideranças específicas um papel central na formação das percepções medidas por esta pesquisa.

ACOMPANHA ALGUM INFLUENCIADOR PARA SE INFORMAR SOBRE POLÍTICA?



Fonte: Você acompanha algum INFLUENCIADOR da sua cidade ou do seu estado para se informar sobre assuntos políticos? Quais? (ESPONTÂNEA – RESPOSTA ÚNICA)
Base: Total da amostra (2.006)

“ De todo modo, o digital não precisa inventar um estereótipo para lhe oferecer uma nova vida. Basta torná-lo novamente disponível, inseri-lo em outra linguagem e fazê-lo circular entre pessoas que podem reconhecer sua imagem sem conhecer a história que a produziu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, os números foram compondo um retrato cada vez mais complexo da relação dos brasileiros com os judeus, com Israel, com o Holocausto e com o próprio antissemitismo. Cada pergunta acrescentou uma dimensão a esse quadro. Algumas indicaram proximidade, outras desconhecimento; algumas trouxeram à superfície referências religiosas profundamente enraizadas, enquanto outras registraram os efeitos de acontecimentos recentes. Estereótipos estiveram presentes em diferentes blocos, memórias históricas conviveram com imagens produzidas pelo presente e Israel apareceu como referência bíblica, como Estado e como guerra. Ao reunir essas respostas, a pesquisa permite visualizar as diferentes formas pelas quais os judeus se tornam conhecidos, imaginados e interpretados no Brasil contemporâneo.

Na Parte I, o retrato é feito de sobreposições. A experiência direta com a vida judaica ocupa um espaço relativamente pequeno, enquanto as representações sobre os judeus circulam com muito mais intensidade. Religião, escola, memória do Holocausto, cultura de massa, redes sociais, notícias sobre Israel e acontecimentos do conflito oferecem referências que se acumulam ao longo do tempo, algumas com séculos de existência, outras nascidas de disputas políticas modernas ou fortalecidas nos últimos anos. Juntas, elas ajudam a explicar como uma população que mantém pouco contato cotidiano com judeus pode, ainda assim, dispor de tantas imagens para descrevê-los.

“ O judeu ocupa, nesse sentido, uma posição peculiar no imaginário brasileiro: sua existência concreta pode estar distante da experiência cotidiana de grande parte da população, enquanto sua figura simbólica permanece próxima, familiar e carregada de significados.

Essa distância ajuda a compreender a longevidade dos estereótipos encontrados pela pesquisa. A responsabilização dos judeus pela morte de Jesus carrega uma longa história cristã; as associações com dinheiro e avareza atravessaram séculos da cultura ocidental; as narrativas sobre controle financeiro e da imprensa adquiriram centralidade no antissemitismo político moderno; a negação do Holocausto pertence às disputas de memória posteriores ao genocídio; e algumas formulações encontradas em 2026 parecem incorporar ao imaginário sobre “os judeus” questões produzidas pelo conflito contemporâneo. O presente reúne essas temporalidades e permite que elas convivam dentro do mesmo espaço social, dando ao tempo do agora um peso e uma responsabilização singular de carregar marcas do passado.

É nesse terreno que a noção de antissemitismo cultural oferece uma chave interpretativa particularmente produtiva para os resultados, ao permitir acompanhar representações que continuam circulando mesmo quando sua origem histórica desapareceu da consciência de quem as reproduz. Uma piada sobre dinheiro, uma afirmação sobre inteligência, uma interpretação religiosa ou uma suspeita sobre poder podem ser transmitidas sem qualquer identificação consciente com uma ideologia antissemita. Sua permanência depende justamente da capacidade de se integrar à linguagem cotidiana e de parecer familiar o suficiente para dispensar explicações sobre sua procedência.

Na Parte II, a imagem de Israel aparece fortemente marcada pelo conflito. Guerra, atentados e bombas se destacam nas associações espontâneas, ao lado de referências religiosas que continuam presentes e convivem com categorias políticas e territoriais. Essa configuração faz sentido diante do contexto em que a pesquisa foi realizada. Desde outubro de 2023, Israel passou a ocupar um espaço intenso no noticiário internacional, nas redes sociais, nas disputas políticas e nos debates públicos, e os acontecimentos em Gaza se tornaram parte importante da maneira pela qual o país é visto e discutido.

Israel é um Estado, possui governos, instituições, partidos, forças armadas, cidadãos e políticas que podem e devem ser avaliados politicamente. Os judeus constituem uma coletividade diversa, espalhada por diferentes países e formada por pessoas com posições igualmente diversas diante de Israel e do conflito. Quando uma ação atribuída ao Estado passa a funcionar como característica dos judeus, ocorre uma generalização que a pesquisa consegue registrar.

Na Parte III, representações elogiosas, como inteligência e sucesso, convivem com formulações econômicas e conspiratórias sobre controle de bancos e da imprensa, pertencentes a famílias distintas e com gravidades próprias. Quando todas essas respostas são colocadas lado a lado, o antissemitismo que emerge da pesquisa se apresenta menos como um conjunto uniforme de crenças e mais como a coexistência de diferentes famílias de representação, entre as quais se destacam as de natureza religiosa, econômica, conspiratória e político-territorial.

Esses agrupamentos possuem genealogias, intensidades e significados diferentes. Sua coexistência constitui um dos resultados mais importantes do levantamento porque mostra a capacidade das representações sobre os judeus de atravessar épocas distintas e continuar disponíveis dentro de um mesmo imaginário social.

Na Parte IV, a avaliação do conflito revela uma opinião pública mais matizada do que a polarização costuma sugerir. A desaprovação ao ataque de 7 de outubro é ampla entre os que o conhecem, mas a avaliação da resposta militar israelense se divide entre o reconhecimento do direito de defesa e a percepção de desproporcionalidade. Parte dos entrevistados reconhece que as ações de Israel interferem em sua opinião sobre os judeus, e afirmações como “judeus invadem as terras dos outros” mostram como uma ação normalmente atribuída a um Estado pode ser generalizada para toda uma coletividade religiosa, étnica e cultural.

“ O peso do conflito recai justamente nessa capacidade de produzir referências que ultrapassam o acontecimento militar e passam a organizar a percepção de Israel e, em alguma medida, dos próprios judeus.

A distinção entre esses sujeitos torna-se, por isso, uma das questões centrais para compreender como a guerra é recebida no Brasil e quais efeitos ela pode produzir muito além do território em que acontece

Na Parte V, o Brasil parece conhecer melhor a destruição dos judeus do que a vida judaica. Auschwitz, Hitler, perseguição e Holocausto ocupam um lugar reconhecível na memória histórica, enquanto a diversidade das experiências judaicas aparece de maneira muito menos nítida. História, cultura, religião, secularização,

experiências migratórias, presença judaica no Brasil, diferenças políticas e formas contemporâneas de vida comunitária possuem menor visibilidade.

“ A vítima histórica torna-se conhecida com maior facilidade do que o sujeito que existia antes da perseguição e continuou existindo depois dela. Recuperar essa vida não constitui um complemento periférico ao ensino do Holocausto. É uma condição para compreender a dimensão daquilo que o genocídio procurou destruir.

O mesmo princípio vale para o enfrentamento do antissemitismo. Conhecer a história do Holocausto oferece uma referência fundamental, embora os estereótipos identificados pela pesquisa pertençam a temporalidades muito mais amplas. Uma educação capaz de reconhecer essas continuidades oferece instrumentos para compreender como representações anteriores ao genocídio sobreviveram a 1945 e encontraram novas linguagens para continuar circulando.

Na Parte VI, o ambiente digital funciona como um espaço de disputa e recombinação. Filmes, séries, jogos, músicas, notícias, vídeos educativos, memes, piadas, símbolos nazistas e referências ao Holocausto circulam dentro do mesmo ecossistema informacional. A experiência digital reúne registros que anteriormente pertenciam a espaços mais separados e os coloca diante do usuário em sucessão contínua, muitas vezes sem a mediação histórica necessária para distinguir sua origem e seu significado.

Nas plataformas digitais, a capacidade de adaptação dos estereótipos encontra condições favoráveis. A internet não precisou inventar a associação entre judeus e dinheiro, entre judeus e poder ou entre judeus e controle institucional. Essas imagens já possuíam uma longa história. As plataformas oferecem novas linguagens para sua transmissão, condensam referências em imagens e vídeos curtos e permitem que conteúdos produzidos em um contexto reapareçam rapidamente em outro. O estereótipo ganha sobrevida porque consegue ser traduzido para formatos contemporâneos sem carregar consigo a explicação histórica de sua origem.

A comparação entre 2024 e 2026 torna essa discussão ainda mais relevante. O intervalo entre os dois levantamentos foi curto, mas atravessado por uma sucessão de acontecimentos: Israel, Gaza, Hamas, sionismo, antissionismo, genocídio e antissemitismo passaram a ocupar de maneira recorrente o noticiário, as redes sociais e o debate político. As duas pesquisas foram realizadas, portanto, em ambientes públicos diferentes.

O movimento mais regular encontrado na comparação está na redução das respostas “não sei dizer”, presente em praticamente toda a bateria de estereótipos. Em 2026, mais entrevistados chegam às perguntas com alguma opinião disponível, migrando para a concordância, a discordância ou a posição intermediária. A maior familiaridade com o tema pode ter muitas origens, e o questionário não acompanha individualmente esse processo. Ainda assim, a redução sistemática do “não sei” mostra que o espaço ocupado pela indefinição diminui em apenas dois anos.

Nesse sentido, os cruzamentos realizados ao longo da pesquisa apontam para um cenário complexo. Religião, idade, escolaridade, região e contato pessoal interferem de maneiras diferentes segundo a pergunta analisada. A religião possui grande capacidade de organizar as percepções sobre Israel e determinadas representações cristãs dos judeus. A idade modifica o peso dos repertórios, com referências religiosas mais presentes entre entrevistados mais velhos e imagens relacionadas ao conflito contemporâneo ganhando espaço entre os mais jovens. A escolaridade altera formas de reconhecimento e associação, enquanto o contato pessoal amplia a familiaridade e a disposição para responder, sem eliminar automaticamente as generalizações.

“ O conjunto desses resultados dificulta qualquer tentativa de localizar o preconceito em um único segmento da sociedade brasileira. Diferentes famílias de representação encontram maior ou menor receptividade em grupos distintos, sem que uma delas pertença exclusivamente a determinado grupo.

A palavra “antissemitismo” ocupa um lugar interessante nos resultados. Uma parcela muito expressiva dos entrevistados declara não conhecer o termo e, mesmo entre aqueles que afirmam conhecê-lo ou já ter ouvido falar dele, existe consi-

derável dificuldade para identificar seu significado. Mas uma sociedade não precisa dominar o vocabulário do antissemitismo para conservar algumas de suas representações. A ideia pode sobreviver ao nome, assim como o estereótipo pode sobreviver à memória de sua origem. Quando uma associação se torna suficientemente familiar, ela passa a parecer parte do conhecimento cotidiano e perde a aparência de construção histórica. O enfrentamento do preconceito começa, nesse sentido, também pela recuperação dessa história.

A pesquisa aponta, por isso, para um desafio ao mesmo tempo educacional, cultural e público: ampliar o conhecimento sobre a experiência judaica significa oferecer referências capazes de mostrar a diversidade onde o estereótipo produz homogeneidade. Significa apresentar os judeus como sujeitos de histórias plurais, compreender a formação histórica das imagens que lhes foram atribuídas, distinguir o Estado de Israel da coletividade judaica, reconhecer a legitimidade da crítica política e identificar o momento em que essa crítica se converte em generalização sobre pessoas. Significa também ensinar o Holocausto como a história de um processo de perseguição e destruição, sem reduzir a experiência judaica ao lugar da vítima.

Entre aquilo que se conhece pela experiência e aquilo que se aprende por meio das representações existe um espaço amplo, ocupado por memórias, crenças, histórias, notícias, imagens e estereótipos.

“ É nesse espaço que os judeus são imaginados antes mesmo de serem encontrados e onde referências produzidas em épocas muito diferentes continuam disponíveis para interpretar o presente.

Mas afinal, o que pensam os brasileiros?

“ Não existe um único Brasil diante dos judeus. Existem vários repertórios brasileiros para pensá-los, e é justamente no encontro, na concorrência e na sobreposição entre esses repertórios que se forma o imaginário social descrito por esta pesquisa.

O Dossiê Analítico trabalha em profundidade os eixos construídos neste relatório e avança para além deles, sua leitura integral é altamente recomendada a quem deseja compreender em quais ambientes certas representações encontram maior possibilidade de se tornar plausíveis, e por que conhecimento, proximidade, admiração e preconceito podem coexistir dentro da mesma sociedade e, eventualmente, dentro do mesmo indivíduo.

Os dados de 2026 mostram um Brasil mais disposto a falar sobre os judeus, influenciado pela intensidade do conflito contemporâneo e por uma circulação crescente de informações e representações. O desafio que emerge dessa mudança está na passagem da familiaridade para o conhecimento.

“ Conhecer mais sobre os judeus significa aproximar-se da diversidade da experiência judaica, reconhecer a história das imagens construídas sobre ela e adquirir instrumentos para distinguir pessoas das representações que, durante séculos, pretenderam falar em seu nome.

É nessa passagem, entre aquilo que imaginamos conhecer e aquilo que a história permite compreender, que esta pesquisa encontra sua questão mais duradoura.

